

Conclusões e considerações finais

Do Inglês L1 ao Português L3 passando pelo Espanhol L2: transferências em regência/transitividade verbal, com foco nas preposições transita por temas pouco explorados – não só pela combinação de línguas adotada (IL1, EL2 e PL3), como também pela especificidade do fenômeno analisado (CLI) e pelo tópico gramatical escolhido (RV) –, contribuindo para o desenvolvimento de uma área de pesquisa extremamente recente e promissora: a aquisição de terceira língua.

Em fase de aquecimento na Europa e, ultimamente, surgindo com força total nos Estados Unidos, os estudos em AL3 ainda estão muito tímidos na América Latina – muito provavelmente porque naquelas regiões o multilinguismo é uma situação bastante comum. Entretanto, percebe-se no Brasil a urgência de adaptação a uma nova realidade linguística: a crescente vinda de norte-americanos já falantes do espanhol, querendo aprender o português; o que demandaria uma outra “roupagem” – ou abordagem – para o processo de ensino-aprendizagem de PLE, ou seja, uma metodologia especificamente voltada – ou, pelo menos, com algumas especificidades – para aprendizes do português como terceira língua, em especial o grupo de falantes com a constelação de línguas investigada neste estudo.

Como construir um saber sempre requer muitas reflexões, a tese se propõe a participar dessa construção, abarcando questões teóricas fundamentais e oferecendo sugestões práticas. A teoria perpassa os estudos contrastivos entre as três línguas em foco, mormente as transferências entre elas; o relativismo linguístico moderado; a corrente funcionalista; conceitos modernos de transitividade, sobretudo a GV; a Análise de Erros (Análise de Transferências); definições de bilinguismo e multilinguismo; e os fatores de influência em AL3. Tudo isso levando-se em conta que o processo de aquisição de terceira língua é mais complexo do que o de segunda.

Por meio de alguns instrumentos – questionários, redações e atividades elucidativas –, foram selecionados os informantes da pesquisa, diagnosticados os problemas mais comuns causados pelas transferências do inglês (L1) e do

espanhol (L2) no português (L3) e confrontados os resultados com a hipótese formulada.

Retomando a suposição inicial, o aprendiz de PL3 com IL1 e EL2 incorreria em desvios de regência verbal, influenciados pela L1 ou pela L2, dependendo do seu nível de domínio na língua espanhola, isto é, quanto maior a competência nesta língua, mais transferências do espanhol e menos do inglês surgiriam no uso regencial dos verbos em português – inclusive com neutralizações das interferências do inglês, no caso de haver semelhanças entre a transitividade do espanhol e do português.

Pela análise dos dados, verificou-se que parte da hipótese foi confirmada e parte, modificada. Está claro que quanto maior o domínio na língua espanhola, maior também a sua influência no português, pois a quantidade de transferências da L2 na L3 aumenta no decorrer dos Subgrupos (C-baixo, B-médio, A-alto). Ao mesmo tempo, diminuem as influências do inglês no desempenho da língua portuguesa e aumentam as neutralizações das suas interferências – “filtradas” pelo espanhol. Porém, não se pode dizer que a competência no espanhol é determinante para que a L2 seja mais utilizada que a L1 como base de transferências em regência verbal, vez que os índices do inglês continuam altos mesmo no subgrupo de maior domínio. O que ocorre é um quase-equilíbrio de forças – o inglês ainda prevalece no ‘A’ – entre as duas línguas anteriores ao português, apesar de o espanhol ter alguns fatores a seu favor: maior proximidade tipológica com a L3, o *status* de LE e o efeito de última língua aprendida.

Vale destacar, então, essa prevalência da LM durante as transferências realizadas pelos falantes do tipo ‘IL1, EL2 e PL3’, o que pode ser decorrente da escolha da regência/transitividade verbal como objeto de estudo⁹⁸. As pesquisas em Psicolinguística sobre ordem de aquisição em língua materna têm verificado que os aspectos sintáticos são adquiridos depois dos fonológicos, mas antes dos lexicais e seus respectivos conteúdos semânticos; algo talvez explique por que, ao longo de toda a vida, é possível aprender vocabulário novo, mas é bem mais difícil melhorar os conhecimentos gramaticais ou a própria pronúncia. A sintaxe, diferentemente do léxico, mas assim como a fonética, permaneceria arraigada na mente do indivíduo; e toda essa lógica poderia ser transportada para os processos

⁹⁸ Aliás, escolha esta bastante válida, já que, em AL3, há muito mais estudos sobre fonologia e léxico.

de aquisição de línguas estrangeiras e, conseqüentemente, para AL3. Enfim, como as preposições regidas são palavras funcionais (sem conteúdo léxico), as transferências ocorreriam automaticamente da L1.

Outra conclusão a que se chega é que deve existir um processo de maturação do aprendiz de uma terceira língua que passaria por fases de experimentação e conscientização. Os dados mostram que do Subgrupo C (baixo domínio) para o B (médio domínio), os três tipos de transferências (do inglês, do espanhol e neutralizadoras) aumentam consideravelmente – dando a impressão de um incentivo generalizado a tomar outras línguas conhecidas como base –, enquanto que do B para o A (alto domínio), o aumento é mais sutil – quando é provável que o aluno tenha atingido uma consciência metalinguística tal que o impede de fazer tanto uso das línguas anteriores.

Além de entender como se dá a dinâmica das influências entre inglês (L1), espanhol (L2) e português (L3) na utilização da regência/transitividade verbal, outro objetivo alcançado com esta tese foi a formulação de matrizes de transferências que podem auxiliar o professor em sala de aula de PLE. Ciente das diferenças entre as regências, ele é capaz de propor atividades específicas para ajudar esse grupo de alunos – em turmas separadas ou não – a empregar as preposições adequadamente no português.

Este estudo ainda suscita outras aplicações pedagógicas, como, por exemplo, a elaboração de gramáticas de PLE que contemplem o tópico regência verbal, vez que as analisadas aqui não oferecem explicações e/ou exemplos claros sobre o assunto. Elas se limitam a tratar das preposições isoladamente – com seus conteúdos semânticos – ou da regência de um verbo bastante utilizado – como ‘gostar’ – ou de alguns pares mais complicados – como ‘a X para’ em verbos de deslocamento e ‘por X para’. Afora disso, incentivam o leitor a se valer de traduções literais, já que apresentam, na sua maioria, algum tipo de correspondência entre as preposições do português e da sua língua de origem.

É por isso que o instrutor precisa orientar o aluno sobre as diferenças existentes entre as regências, sem motivá-lo a fazer transferências diretas de uma língua para outra, ou seja, ‘verbo + preposição’ deve ser visto como um todo, que tem particularidades em cada idioma no mundo.

Outra aplicação prática, e que está relacionada à discussão anterior, é a produção de um dicionário de regência verbal que contraste as três línguas,

facilitando a busca das informações que hoje em dia só se encontram separadamente, e em meio a outras tantas nos verbetes dos dicionários comuns – é sentida no mercado editorial a falta de dicionários específicos sobre RV nas línguas inglesa e espanhola.

Como toda pesquisa tem suas limitações, ficam aqui algumas sugestões para o futuro. É interessante, por exemplo, fazer um estudo semelhante utilizando-se de outras línguas – estrangeiros de LM não-ocidental com conhecimentos prévios de inglês como segunda língua buscariam nesta língua e não naquela a base para o português? E o que aconteceria se L1 e L2 fossem de origem germânica? –, ou, então, enfocando outro objeto mas mantendo a configuração linguística selecionada na tese de doutorado – percebe-se que os estudos pragmáticos em AL3 são ainda mais incomuns do que os sintáticos – ou, mesmo, incluindo na análise fatores extralinguísticos – e, por consequência, focar a pesquisa em dados individuais (e não de grupos/perfis linguísticos).

Outra opção seria aumentar o escopo da presente pesquisa, incrementando o *corpus* de análise, verificando os acertos de regência (e não priorizando os erros) e consultando, além das gramáticas, os livros didáticos de PLE. Ou, mais ainda, aprofundar algumas questões já levantadas, como, se a partir de um determinado nível de conhecimento/domínio da L2, a metalinguagem se desenvolve a tal ponto que cairia a quantidade de transferências no geral – o que viria a ser uma nova hipótese de pesquisa. Poder-se-ia incluir aqui um estudo sobre os efeitos psicológicos durante a aquisição de uma L3: mecanismos de ataque/defesa, experimentação, maturação, consciência, segurança etc. A realização dessas ideias por futuros pesquisadores poderia enriquecer o meio acadêmico ao contribuir para a descrição do português, não somente como língua estrangeira, mas principalmente como terceira língua.

Do Inglês L1 ao Português L3 passando pelo Espanhol L2: transferências em regência/transitividade verbal, com foco nas preposições não teve, portanto, a ambição de abarcar toda a questão do uso de preposições em regência verbal por determinado perfil linguístico, muito menos de oferecer conclusões definitivas. Ao se lembrar que a língua é dinâmica, evoluindo ao longo do tempo – o que se estende aos estudos de regência verbal e preposição em língua portuguesa –, entende-se que os resultados deste trabalho não são estanques. Dessa forma, é

aconselhável manter um olhar atento e contínuo sobre as mudanças e adaptações absorvidas, na prática, pelo português.

O que a tese pretendeu, sim e em última instância, foi levar a um melhor aproveitamento no processo de ensino-aprendizagem do português como L3, servindo como base para outras pesquisas e como material de consulta para os interessados nesse novo campo de estudos que é a aquisição de terceira língua (AL3) – aplicabilidade esta que o ineditismo do tema associado aos resultados obtidos devem conferir oportunamente à presente pesquisa.